

OS IMPACTOS DA COVID-19 NO SUJEITO DO CANSAÇO: um breve estudo sobre as implicações do *home office* nas relações de trabalho da Sociedade do Cansaço

Mailson Nogueira ALVES¹

Tayane L. SABÁDO²

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar as relações entre as psicopatologias mais comuns no *home office* e suas implicações no cenário da pandemia da covid-19. Apresentando contribuições científicas acerca da pandemia do coronavírus e estabelecendo relações entre a Sociedade do Cansaço de Byung-Chul Han e a Sociedade da Disciplina de Foucault. O estudo visa colaborar para um melhor aporte teórico sobre a saúde do trabalhador no cenário pandêmico, levando em conta aspectos postulados sob as relações de trabalho antes e durante a pandemia em que se realizou uma pesquisa bibliográfica de artigos relacionados a temática, buscando assim leituras que discorrem sobre trabalho, adoecimento psíquico, pandemia e o regime de trabalho *home office*.

Palavras chave: Home Office, Sociedade do Cansaço, Trabalhador

Abstract

The present work aims to analyze the relationships between the most common psychopathologies in the home office and their implications in the scenario of the covid-19 pandemic. Chul Han and Foucault's Discipline Society. The study aims to contribute to a better contribution to worker health in the pandemic scenario, taking into account aspects postulated under work relationships before and during the pandemic. A bibliographic research of documents related to the theme was carried out, seeking readings that discuss work, psychic illness, pandemic and the Home Office work regime.

1 Universidade Federal do Pará. Email: mailson.alves@ifch.ufpa.br

2 Universidade Email: tayanesabado@gmail.com

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 17, n. 1 (2023). ISSN: 1517-7602

Keywords: Home Office, Tiredness Society, Worker

Introdução

Há uma necessidade social de bem-estar para que se produza. Experiências históricas nos mostram relações abusivas entre empregador e trabalhador, e como essas relações, além de um aspecto político também constituem aspectos de saúde mental e física.

A psicologia não se restringe somente ao tratamento do sujeito acometido de alguma psicopatologia, ela tem um forte compromisso social de prevenção e bem-estar, entretanto:

Não é raro encontrar pessoas que, por uma condição de sua psicodinâmica interna, possuem a propensão a trabalhar em excesso e a divertir-se muito pouco; outras, pelo contrário, passam os dias a divertirem-se; outras ainda não conseguem fazer nem uma coisa nem outra. Sabe-se hoje que tanto o trabalho, quanto a diversão em proporções satisfatórias são critérios para avaliar um funcionamento psíquico saudável. (HELOANI, 2003, p. 102)

Há uma linha tênue entre trabalho e bem-estar que socialmente é subestimada devido à grande demanda de produção e exposição a estímulos dos quais estamos o tempo inteiro submetidos, esse processo todo deu margem a criação da sociedade do cansaço que para Byung-Chul Han (2015):

O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. (HAN, 2015, p. 17)

Como consequência, essa violência desencadeia psicopatologias em serie que se relacionam diretamente com o trabalho, se intensificado no contexto da pandemia. Tendo o avanço da pandemia da covid-19 pelo mundo em 2020, a sociedade precisou se readaptar de forma abrupta e de modo imediato pensar em medidas para que a se desse continuidade a vida, trazendo como processo intrínseco as relações de trabalho sendo drasticamente modificadas saindo de um contexto presencial para um contexto virtual via *home office*.

Segundo o IBGE -PNADCOVID19, em maio de 2020, eram 8.7 milhões de trabalhadores em atividade remota, essas explosões de mudança nas relações de trabalho não levaram em consideração a saúde do trabalhador seja física ou mental. O retrato disso é o aumento significativo da jornada de trabalho e a quebra da barreira social que distancia casa de trabalho.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que o modelo a distância adotado na pandemia estendeu a carga de trabalho em 10%, no mínimo. Mas há números mais contundentes. Em outubro de 2020, uma pesquisa feita pela Oracle em parceria com a Work Intelligence identificou que os brasileiros em home office estavam trabalhando acima da média mundial – 40 horas a mais por mês para 42% dos entrevistados. Não à toa, cerca de 70% deles disseram jamais ter vivido um ano tão estressante quanto 2020. Um quadro que pode ter se agravado em 2021, em razão da continuidade da pandemia. (SCHLISTING, 2021)

Além de lidar com as consequências da pandemia, para Guedes (2020), os trabalhadores passaram a se preocupar com as novas exigências das funções dentre elas: as demandas da atualidade; novos espaços e tempos; novas exigências físicas, sociais, cognitivas e psíquicas; novos arranjos contratuais; novas demandas de atuação. Todas essas novidades em meio a um contexto de extremo estresse têm influenciado de forma negativa a saúde do trabalhador, que cada vez mais se vê encurralado a se atualizar a função em um curto espaço de tempo em que, agora, casa e trabalho são um só.

Deste modo, é perceptível a emergência em abordar os impactos do *home office* na saúde mental do trabalhador visto que percebe-se uma ruptura no que tange a falta de espaço entre casa e lazer, trabalho e produtividade.

Com esse cenário ainda presente na atual conjuntura, é imprescindível a investigação sobre os impactos psicológicos do *home office* para avaliar as relações entre as psicopatologias mais comuns acarretadas com esse novo contexto e as suas implicações no cenário da pandemia da covid-19, devido a ação de manter o distanciamento social como forma de mitigar a transmissão do vírus.

Levando em consideração as relações do proletariado com o trabalho, antes e até mesmo durante a pandemia, há a necessidade de pontuar a definir as implicações das relações de trabalho pré e pós pandemia da covid-19 com a ascensão da modalidade

de trabalho *home office*.

Além de avaliar a relação do desenvolvimento das psicopatologias com a pandemia e verificar o papel do psicólogo organizacional nas relações e intervenções no trabalho, dentro do contexto pandêmico, voltado para a promoção da saúde mental e prevenção de problemas psicológicos.

Vale ressaltar que vivemos na sociedade do cansaço postulada por Byung-Chul Han (2015) e que se há um leque de psicopatologias relacionadas com a forma do trabalho, visto que o trabalhador está sujeito a desenvolver em caráter mais comum seja, como fator de comorbidade ou como um fator genético engatilhado pelas condições de trabalho, patologias como depressão, ansiedade ou clássica Síndrome de *Bornout*. O que nos encaminha a questões como: essas psicopatologias que afetam o trabalho presencial também afetam o modelo de *home office*? Elas mantêm um destaque na saúde do trabalhador mesmo durante pandemia? Esses questionamentos demandam uma atividade prática de investigação que propúnhamos ao discorrer deste artigo.

Sujeito do cansaço: as relações de trabalho e a sociedade do cansaço.

As relações de trabalho no Brasil demandam uma complexidade muito grande, tal complexidade seja ela vista da maneira burocrática ou da relação entre pessoas, tem raízes históricas muito profundas e lidam com consequências temporais de anos de lutas dos trabalhadores por direitos básicos de existência dentro da cadeia de trabalho.

O desenvolvimento da psicologia organizacional e o do trabalho no Brasil acompanharam as ocorrências mundiais relativas à área. Seu aparecimento está associado à crescente industrialização que ocorreu nos principais países do cenário Ocidental, no fim do século XIX e início do século XX (ZANELLI & BASTOS, 2004, p. 467).

Esta área profissional surge, nesse cenário, como agente promotor de saúde devido não somente a intensa carga de trabalho que produz adoecimento, mas também com o intuito de garantir a melhor seleção de profissionais para o desenvolvimento de determinada tarefa. De acordo com Rose (2008), isto torna a psicologia uma tecnologia constituída de individualização do sujeito, emergindo como um modo de “ciência

positiva”, sem um apelo social enquanto fator determinante do sujeito, havendo somente um cargo específico para o sujeito específico.

Contudo, é importante pontuarmos que estávamos de frente para o sujeito que Foucault (1975) descreve como o sujeito da disciplina, que vive dentro de uma sociedade disciplinar com um cenário definido rigidamente por três características: o de tornar a reivindicação do poder mais barato, elevar os efeitos desse poder social a altos níveis fazendo com que se concretizem a longo prazo com o mínimo de fracasso e integrar o processo do poder ao crescimento econômico enquanto se instauram medidas de controle social, pedagógicas, militares, psicológicas e econômicas.

Com o avançar da sociedade e o avançar das demandas de consumo e das necessidades humanas, o modelo da sociedade disciplinar foi se deteriorando e o processo de poder teve que se adaptar à nova ordem social vigente, no final dos anos 1970 aos anos 2000, o mundo passou por um grande levante de autonomia individual e quebra dos mecanismos disciplinares. Houve a construção de algo novo, que desse uma maior sensação de liberdade, e com isso, se deu palco para a fundação do que Byung-Chul Han (2015), a sociedade do desempenho.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho (HAN, 2015, p. 17).

A maximização do desempenho faz com que o sujeito que possuía uma tarefa passe a ter que lidar com múltiplas tarefas ao mesmo tempo, a fim de continuar sendo um trabalhador valoroso para o sistema, ao mesmo tempo que a produção também deixa seu caráter industrial material e avança para outras instancias de produção.

o fato de estarmos vivendo um tempo em que o tipo de produção predominante é uma produção imaterial ao invés de uma produção material sinaliza, por si, um deslocamento no investimento das forças de controle de modo a serem vetorizadas de “bios” para “psique” (HAN, 2014 *apud* BENEVIDES, 2017).

Com a vigência desse processo, os níveis de estresse do sujeito tendem a aumentar devido à grande demanda de investimento psíquico necessário para que se

possa direcionar as contribuições prestadas, que podem trazer como consequências diversas questões psicopatológicas tais como a Depressão ou a Síndrome de Bornout.

Em seu livro *Indisposição geral. Ensaio sobre a fadiga*, Perán (2015) estabelece uma relação entre o tipo de mobilidade, aceleração e velocidade com a admissão, hoje em dia, de que a identidade de cada um é algo que está em perpétuo processo de construção, desconstrução e reconstrução. A hipermovimentação encontra-se associada ao que nomeou de “cultura do projeto” e “cultura da positividade”, bem como à necessidade perpétua de reconstrução de si mesmo. Isso tem a ver com o fato de que as práticas de governo neoliberais, as formas de trabalho imateriais e a continuidade dos processos biopolíticos estão conectados de forma ativa e imediata, com uma vontade de identidade e de construção permanente da identidade. Transformar a própria vida em um projeto (estabelecer metas, objetivos, caminhos etc.), pensar e agir sempre positivamente (internalizar a constante possibilidade de um *reset* para começar sempre de novo) e agir livremente (acreditar ter poder para qualquer coisa e dívida para com tudo) consistem, pois, nos três componentes daquilo que Perán (2015) nomeou de “ideologia do *do it*”. (BENEVIDES, 2017)

Já não bastasse essa mudança de paradigma na relação sujeito – trabalho, o sofrimento psíquico está sendo atenuado devido as condições atípicas que a pandemia de coronavírus estabeleceu em relação aos padrões de vida e trabalho, para Van Hoof (2020): “O confinamento imposto pela covid-19, que já foi descrito como o “maior experimento psicológico do mundo”. Experimento este que, segundo Lima (2020), passou a colocar à prova a capacidade humana de extrair sentido do sofrimento, desafiando indivíduos e sociedade.

No âmbito do trabalho a atividade do *home office*, que antes estava tímida, agora se tornou uma das principais formas de trabalho, quebrando assim a barreira que antes diferenciava trabalho e casa. Agora o ambiente de casa se tornou o mesmo do trabalho, embora não esteja lidando fisicamente com um escritório ou fábrica, os problemas que antes ficavam lá, agora estão no aconchego do lar e das relações familiares, produzindo um adoecimento em larga escala.

Sufrimento psíquico, covid-19 e trabalho.

Han (2015) postula que na sociedade do cansaço, o fator primordial que conduz ao adoecimento é o excesso de positividade. A positividade constante frente as inúmeras possibilidades de existir geram a incerteza do que pode vir a ser o agora, em um contexto anterior ao pandêmico, havia uma positividade sobre o modelo *home office*,

enquanto este servia em prol de muitos benefícios como:

uma forte redução de custos operacionais, tais como: despesas com aluguéis e manutenção de escritórios e estabelecimentos físicos, vale-transporte, energia e muitos outros. Em muitos casos mantendo o desempenho e a produção. (TENORIO, 2021, p. 100)

Essa positividade passou a ser potencializada pelo advento da tecnologia mediando as relações humanas e de trabalho, com a promessa de otimizar as formas de produção e trabalho, porém, elas também alteraram as formas de relação, mudando a ideia de materialização do ser.

Na situação de pandemia, momento histórico marcado pelo paradigma da tecnologia e de vivências interpessoais virtualizadas, o que está em questão é a materialidade do sujeito. A virtualidade é uma espécie de pornografia da materialidade da vida. Na tela vemos o corpo do outro como uma espécie de holograma. Tocamos o outro pelo clique no monitor, pelo *touch screen*, mas não há cheiro, não há suor, não há arrepio pela sua presença (MELO, 2021, p. 6).

Ou seja, há um claro limite da experiência humana imposta pelas condições sanitárias e tecnológicas, eximindo o homem da totalidade da relação, esse fenômeno, vai impactar diretamente nas demais esferas relacionais como a psique, o trabalho e a sua distinção da casa que é outro ambiente relacional.

Os órgãos de saúde através de diversos meios de comunicação soltaram diversos documentos orientando sobre cuidados coma a saúde física e mental, porém, não se levou em consideração a realidade. Realidade social de que muitos desses sujeitos, que foram obrigados a aderir o novo regime de trabalho, muitas vezes não possuem em casa o aporte necessário para bem trabalhar. Deste modo, nesse cenário como um todo:

É possível perceber que as estratégias prescritas têm ênfase preventiva, no sentido de produzir ou reforçar hábitos de autocuidado tidos como saudáveis, reduzindo os riscos de adoecimento mental, além de estimular uma ética comunitária que se considera escassa na vida das grandes cidades. É necessário refletir, contudo, se as recomendações, ou os próprios meios virtuais nos quais elas circulam, são adequadas a todos os territórios e classes sociais (LIMA, 2020, p. 4).

Durante a experiência da pandemia, podemos perceber o aumento dos índices de

risco de suicídio, automutilação, abusos domésticos, violências contra as mulheres, abuso do álcool e riscos psicossociais causados pelo distanciamento físico e social, isolamento e desconexão social. (NETO, 2020).

Esse fato foi potencializado, segundo Tenorio (2021), porque a psique do trabalhador no contexto pandêmico, esteve vulnerável a condições impostas pela continuidade da produtividade em um espaço estranho ao comumente vivido no trabalho formal. Tenorio (2021), argumenta que os efeitos da pandemia na saúde mental estão associados aos fatores econômicos, sociais e psicológicos.

A pandemia privou a população do seu direito de ir e vir, bem como de trabalhar e honrar com seus compromissos financeiros como as contas de água, energia, internet e da cesta básica, levando a atenuação de uma incerteza financeira e social, oferecendo margem para o aumento do sofrimento psíquico. Neste sentido, essas situações de isolamento e distanciamento social durante a pandemia de Covid-19 podem suscitar mudanças comportamentais, impulsionadoras de intenso sofrimento psíquico e que podem gerar consequências graves na saúde mental do indivíduo (LIMA, 2020).

Afinal, Melo (2021) comenta que, o sofrimento psíquico não é simplesmente da ordem do interno ao sujeito, ele faz parte de uma complexidade material que fala de um sujeito que é corpo-situação como tentativa de dialetizar o real e o imaginário, levando em consideração a situação do trabalho estando sujeito ao fetiche imaginário em tornar as relações virtuais como primordiais ao homem, o distanciando da experiência real do toque. O contato humano não pode ser substituído por que ele faz parte da nossa constituição saudável enquanto sujeitos, a dimensão pandêmica mesmo que de caráter temporário tem se mostrado letal em diversas esferas das relações humanas que passaram a ser questionadas devido a avaliação da praticidade promovida pela tecnologia, entretanto, até onde estaremos sujeitos a abrir mão da saúde mental em prol da praticidade da vida mediada pela ilusão da recompensa tecnológica?

A atuação do psicólogo e suas implicações no contexto pandêmico

Apesar das condições do *home office* para quase todas as classes de trabalho, a dinâmica do sofrimento psíquico não é igual a todos, os atenuantes que potencializam algumas das psicopatologias que podem vir a surgir nesse cenário mostra alguns dos

efeitos a curto e longo prazo, sendo eles, econômicos e sociais vinculados a pandemia da covid-19. Essas condições vieram a desvelar não somente a fragilidade dos vínculos de trabalho daquelas pessoas que vivem nas franjas da informalidade, mas também revelou o quanto essa precarização das relações de trabalho está longe de ser objeto das pautas políticas (BRAZ, 2020, p. 119-120).

Miranda (2020), dialoga que o psicólogo do trabalho surge nesse cenário assumindo o papel adaptativo como mediador das demandas, ou seja, com um intuito de diminuir o alto nível de fadiga, excesso de trabalho, horas extras extensas e estresse, devido a esses problemas de saúde presentes na vida dos trabalhadores, entretanto, apesar do desempenho desse papel, não se altera o fato de que as condições da psicologia organizacional não dispõem de mecanismos que tornem possível cuidar do trabalhador em sua totalidade, o que tem-se somente como importância são suas habilidades para realização de determinadas tarefas, como sendo suas competências, não percebendo para além do ambiente de trabalho suas outras prioridades como sua saúde física, psíquica e até mesmo o convívio social.

O fato da falta de mecanismo de investigação da totalidade do homem no meio do trabalho, da margem para a fundamentação das relações de trabalho problemáticas em quaisquer ambientes de trabalho, independente da função desenvolvida. Esse cenário como um todo, promove um ambiente de exigência e excelência na relação entre sujeito- trabalho que vai culminar em diversas questões que podem vir a prejudicar o desenvolvimento da atividade e o próprio sujeito.

percebe-se que o excesso de exigência ainda é bastante comum pelas organizações, o que pode causar danos à saúde do trabalhador de forma a afetar o psíquico do indivíduo. O contexto atual é caracterizado pela elevada exigência de produtividade, pela falta de autonomia e pela ausência de condições de crescimento profissional, faz com que o trabalho assuma um caráter penoso que causa mal-estar e repercute, principalmente, na saúde mental dos sujeitos (MIRANDA, 2020, p. 29).

A pandemia potencializou o ideal de funcionário multitarefas do qual HAN (2015) faz apontamentos, o diferente nessa situação é de que a pressão não está presente, ela paira sobre o trabalhador em seu domicílio, e dá voz ao que Hanna Arendt chama de *animal laborans*, ou em tradução livre animal trabalhador, essa animalização do trabalhador normaliza situações de estresse descomuns como se fosse parte

obrigatória do ato exímio de trabalho

uma vez que os trabalhadores são categoricamente impelidos a buscarem a excelência e ultrapassem a si mesmos, exacerba-se um processo de individualização dos percursos, sustentado por uma busca ilusória de autorreferenciação (EHRENBERG, 1991).

A constante venda dessa busca inquietante por êxito coloca em xeque o papel das empresas na saúde do trabalhador, afinal, só se vale o que se conta e o que se conta é o dinheiro, por isso, há uma grande rotatividade de funcionários e funcionários informais que são descartáveis, já que ao cumprirem o ato de produzir lucro, são descartados. Essa frustração pela incerteza e hiperprodução leva a desvalorização do sujeito trabalhador e o questionamento do seu próprio eu e a sua função social que está atrelada ao trabalho, além de não se criar formas para que o psicólogo do trabalho adentre ativamente como interventor na saúde mental desse trabalhador.

a produção de Saúde Mental passa pelo reconhecimento dos limites e condições concretas de cada indivíduo, mas também pela reflexão sobre as contradições sociais e históricas engendradas em suas angústias existenciais. A exploração dos impactos psicossociais do COVID-19 e da historicização das relações de trabalho no cenário brasileiro atual, torna-se elementar à compreensão das dinâmicas de sofrimento dos trabalhadores. Enfim, a pandemia reabriu debates ocultados e desprezados na esfera pública. Cabe à sociedade definir coletivamente quais ações serão tomadas após o fim dessa crise e qual história se contará sobre ela (BRAZ, 2020, p. 125-126).

Entretanto, não podemos deixar de considerar que a saúde no trabalho é um estado marcado pelo balanceamento entre as vivências de prazer e sofrimento, pela utilização de mecanismos capazes de mobilizar os sujeitos em busca de relações mais prazerosas e gratificantes, afinal, podemos perceber que a relação entre o homem e o trabalho fazem do processo de constituição da sociedade, por isso, devido às exigências, horas extras insignificante e baixa motivação, o trabalhador passa a buscar outros meios para sair desse clima de forte pressão em seu local de trabalho, e é justo nesse ponto que o psicólogo organizacional e do trabalho deve pautar o serviço de promoção saúde (MENDES, 2004).

O serviço de promoção a saúde não deve unicamente está atrelado a possibilidade de alavancar lucros, mas sim de entender o papel social do trabalho e sua relação com as individualidades dos sujeitos, segundo Peixoto, Vasconcelos e Bentivi (2020), uma

ação do psicólogo organizacional que contribui com esse processo, é o de acolher e amparar o trabalhador nesse processo de mudança das formas de trabalho, como por exemplo, *home office*.

Ferreira, Watanabe e Sabatine (2021), afirmam que grandes mudanças provocam muita ansiedade ao trabalhador abalando sua saúde mental. O desempenho a ser investido no trabalho hoje em dia precisa ser ajustado levando em consideração também as atividades de casa, principalmente à aqueles que cuidam de idosos e crianças, afinal, casa e trabalho que eram construtos diferentes, agora caminham em conjunto dentro de condições limitadas desencadeado assim um efeito reativo na saúde mental.

Portanto, esse cenário faz valer a valorização do suporte emocional e afetivo por parte de gestores, líderes e psicólogos a fim de garantir uma rede de apoio no ambiente de trabalho, que tenha como um dos principais intuitos o de amenizar suas questões e conflitos relacionados ao trabalho-família na busca de encontrar um ponto de equilíbrio entre as questões familiares e o trabalho. São questões ainda subestimadas e pouco desenvolvidas, o que as torna tão emergenciais, e é aqui que se faz valer do Psicólogo.

Considerações

Este artigo visou fazer uma breve abordagem sobre as implicações da atuação do psicólogo organizacional dentro da sociedade do cansaço em um contexto pandêmico. Podendo perceber que historicamente as relações entre sujeito e o trabalho tem suas implicações tais quais a saúde mental não se colocava em um campo de relevância a ser considerado para o bom funcionamento da empresa.

Ainda nessa ideia, observou-se a dualidade do sujeito na sociedade do desempenho e do sujeito na sociedade do cansaço, a forma como as relações de trabalho se constrói estão relacionadas com essas individualidades, que influenciam diretamente nos problemas psíquicos que serão impactados e irão gerar sujeitos adoecidos e no contexto atual, estamos vendo a explosão da depressão e da síndrome de *Burnout* que são as patologias responsáveis pela maioria dos afastamentos no ambiente de trabalho.

Já com o contexto da pandemia, verificou-se um crescimento expoente em psicopatologias relacionadas ao trabalho, que na maioria das vezes surgem devido a forma como essas relações iram se constituir. O psicólogo nesse contexto tem um papel fundamental e ainda subestimado quanto as possibilidades de intervenção, o que gera um apagamento da promoção a saúde no espaço de trabalho. É de extrema importância que a partir da conjuntura atual possamos ter um olhar mais crítico a forma de se fazer a psicologia nesse campo de atuação, é impossível dissociar o homem do trabalho, entretanto pode-se fazer a manutenção dessa relação gerando meios de inserção mais abruptas e assertivas por intermédio da psicologia organizacional, deste modo iniciaremos, enfim, o início de um longo processo de mudança nas relações de trabalho e saúde mental.

Referências

BRAZ, M.V.A *pandemia de covid-19 (sars-cov-2) e as contradições do mundo do trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 1, p. 116-130, abr./2020

BENEVIDES. Pablo Severiano, **NEOLIBERALISMO, PSICOPOLÍTICA E CAPITALISMO DA TRANSPARÊNCIA**. Psicologia & Sociedade [online]. 2017, v. 29 [Acessado 6 junho 2022], e164064. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29164064>>. Epub 07 maio 2018. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29164064>.

BRIDI, Maria Aparecida et al. O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19. **Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade**, 2020.

DELLAGRAVE NETO, J. A. “**Normas regulamentadoras e saúde do trabalhador em tempos de coronavírus**”. In: BELMONTE, A. A.; MARTINEZ, L.; MARANHÃO, N. (orgs.). O Direito do Trabalho na Crise da COVID-19. Salvador: Editora Juspodivm, 2020.

EHRENBERG, A. *Das erschöpfte Selbst – Depression und Gesellschaft in der Gegenwart*. Frankfurt a.M., 2008, p. 14s.

FERREIRA. Angélica cristina monteiro de toledo; WATANABE. matilde matayosihime; SABATINE francielle piratelli. Psicologia organizacional: reflexões acerca do impacto da pandemia na subjetividade do trabalhador. **Revista unifamma**, [s. L.], v. 20, n. Edição

especial, 2022. Disponível em: <http://revista.famma.br/index.php/revistaunifamma/article/view/17>. Acesso em: 25 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

GUEDES, A. P. et al. Saúde Mental e trabalho em tempos de Covid-19: atuações da Psicologia. **Cadernos de PsicologiaS**, Curitiba, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/saude-mental-e-trabalho-em-tempos-de-covid-19-atuacoes-da-psicologia>>. Acesso em: 10 maio 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

HELOANI, José Roberto, CAPITÃO, Cláudio Garcia, Saúde mental e psicologia do trabalho. **São Paulo em Perspectiva [online]**. 2003, v. 17, n. 2 [acessado 10 março 2022], pp. 102-108. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-88392003000200011>>. Epub 30 Set 2003. ISSN 1806-9452. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392003000200011>.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s010373312020300214>.

MELO, Daniel. Sofrimento psíquico durante a pandemia de covid-19. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 10, n. 1, p. 1-17, 2021.

MENDES, A. M. **Trabalho em Transição, Saúde em Risco e a Prática da Psicologia Organizacional**. CFP - Conselho Federal de Psicologia. 2003. Disponível em: <http://www.pol.org.br/publicacoes/materia.cfm?ld=20&Materia=47>. Acesso em: 25 de jul. de 2022.

MIRANDA, Thamiris Brito. **Impactos psicológicos organizacionais em tempo de pandemia: análise dos principais impactos psicológicos no trabalho em home office dos discentes de um centro universitário em São Luís**. 2020. Monografia (Bacharel em Administração) – Centro Universitário Unidade de Ensino Dom Bosco, São Luiz, 2020.

PEIXOTO, A. L. A; VASCONCELOS, E. F; BENTIVI, D. R. C. **Covid-19 e os Desafios Postos à Atuação Profissional em Psicologia Organizacional e do Trabalho: uma Análise de Experiências de Psicólogos Gestores**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003244195>>. Acesso em: 25

jul. 2022.

ROSE, Nikolas. **Psicologia como uma ciência social**. Psicologia & Sociedade [online]. 2008, v. 20, n. 2 [Acessado 25 Julho 2022] , pp. 155-164. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000200002>>. Epub 20 Out 2008. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000200002>.

SCHLISTING, Bruna. Especial Trabalho Híbrido – Adoecimento e Home Office: O preço da produtividade. Declatra, 2021. Disponível em <<https://www.declatra.adv.br/adoecimento-home-office/>> Acesso em 10 março 2022.

TENÓRIO, R. J. M. “**A saúde mental e ergonômica no trabalho remoto no pós-pandemia**”. Revista Espaço Acadêmico, vol. 20, 2021.

ZANELLI, J. C., & BASTOS, A. V. B. (2004). **Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho**. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos (Eds.), Psicologia, organizações e trabalho (pp. 466-491). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.